

## SIMPÓSIO AT007

### SERÁ QUE FALTAM SINAIS? REFLETINDO SOBRE O PROCESSO DIALÓGICO NA TRADUÇÃO DA LIBRAS PARA LÍNGUA PORTUGUESA: PROFESSOR – INTÉRPRETE -ALUNO

BATISTA, Andrey Gonçalves.

Filiação acadêmica: UFABC – Universidade Federal do ABC

E-mail: andrey.goncalves@ufabc.edu.br

VIEIRA, Claudia Regina.

Filiação acadêmica: UFABC – Universidade Federal do ABC

E-mail: claudia.vieira@ufabc.edu.br

**Resumo:** O espaço estudado para este trabalho foi a Escola Preparatória da UFABC - EPUFABC – trata-se de um projeto da Universidade Federal do ABC que atende a comunidade com o intuito de preparar os alunos para os processos seletivos de acesso ao ensino superior; esse projeto conta a alguns anos com reserva de vagas para alunos surdos, o que exige a presença de Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais/ Língua Portuguesa – TILSP na interlocução das aulas entre os alunos e professores e também entre os próprios intérpretes. Essa situação nos levou a relatos como a dificuldades em encontrar “sinais da Libras” para expressar alguns conceitos científicos, essa é uma característica que professores e tradutores intérpretes de Libras no ambiente educacional relatam a algum tempo, já que a língua, enquanto “fenômeno social da interação verbal” se manifesta no indivíduo e apresenta sentido em seu contexto sócio histórico. Sendo a Libras uma língua em que os estudos estão se iniciando e como é uma língua com modalidade diferente da Língua Portuguesa, realizar a tradução não se resume apenas em encontrar um corresponde sinal-palavra, por isso pretendemos trazer uma reflexão acerca das negociações que são realizadas entre professores e intérpretes - que sempre trabalham em duplas - na condução do processo tradutório das aulas e conseqüentemente dos simulados que são todos traduzidos para a Língua de Sinais. Exemplificando algumas escolhas no momento da tradução como resultado problematizamos que a não “existência” de termos científicos catalogados, isto é, sem correspondência exata entre sinal-palavra, não inviabiliza a enunciação/produção e nem deve ser visto como um demérito da Libras, mas como um processo que como acontece com todas as outras línguas deve ser estudo e significado a partir das interações dos agentes/falantes.

**Palavras-chave:** Termos Científicos, Língua de Sinais, Educação de Surdos, Língua Portuguesa

**Abstract:** The space studied for this work was the Preparatory School of UFABC - EPUFABC - this is a project of the Federal University of ABC that serves the community with the purpose of preparing students for the selective processes of access to higher education; this project counts for a few years with reservation of places for deaf students, which requires the presence of Interpreters of Sign Language / Portuguese Language (TILSP) in the interlocution of classes between students and teachers and also among the interpreters themselves. This situation has led us to reports such as the difficulties in finding "signs of the Pounds" to express some scientific concepts, this is a characteristic that teachers and translators of Libras in the educational environment report some time, since the language, as "social phenomenon of verbal interaction" manifests itself in the individual and has meaning in its socio-historical context. Since Libras is a language in which studies are beginning and as it is a language with a different modality of the Portuguese Language, to realize the translation is not only in finding a corresponding sign-word, so we intend to bring a reflection on the negotiations that are performed between teachers and interpreters - who always work in pairs - in the conduct of the translation process of the classes and consequently of the simulated ones that are all translated into the Sign Language. For example, if we do not have an exact correspondence between sign-words, it does not make the enunciation / production impossible and should not be seen as a demerit of Libras, but as a process that as with all other languages should be study and meaning from the interactions of the agents / speakers.

**Keywords:** Scientific Terms, Sign Language, Deaf Education, Portuguese Language

## Introdução

A Escola Preparatória da Universidade Federal do ABC (EPUFABC) foi criada em 2010. Trata-se de um programa institucional que oferece à comunidade externa, exclusivamente para alunos oriundos de escolas públicas, um curso preparatório como uma ferramenta de melhoria nas condições educacionais para a realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e consequentemente, a disputa pelas vagas disponibilizadas no Sistema de Seleção Unificada (SISU), do qual a UFABC faz parte, ou vagas de outros programas de seleção como o Programa Universidade para Todos (ProUni).

Desde 2016 a EPUFABC conta com reserva de vagas para estudantes surdos (de colégios públicos e privados, por conta da especificidade e do histórico desses estudantes) e com a presença de Tradutores Intérpretes de Libras que fazem a interpretação simultânea das aulas.

É importante pontuar que a Língua de Sinais é uma língua espaço-visual com estrutura e gramática diferentes das da Língua Portuguesa. A lei da Libras tende a proporcionar às pessoas surdas o direito a uma educação em sua língua, dando à comunidade surda a possibilidade da Libras como língua de instrução.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de **natureza visual-motora**, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideais e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2012b, grifo nosso)

Ela deve ser vista como língua que viabiliza a aprendizagem de conceitos e de mediação desses conceitos; ela deve desempenhar o mesmo papel da língua portuguesa para os ouvintes.

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem (...) O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (...). Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2010, p. 261)

Para que a linguagem possa ser expandida e essas relações validadas e valorizadas é primordial uma língua comum que possa dar às palavras emitidas não apenas o *status* de unidades da língua, mas de enunciado. Enunciar a linguagem científica tem se mostrado um desafio para os intérpretes educacionais de libras que atuam com alunos surdos. Muitos destes profissionais creditam tal dificuldade a falta de termos científicos em língua de sinais como sendo uma limitação linguística. Atualmente podemos observar um crescente registro e produção de sinais/termos em glossários de língua de

sinais para expressar a linguagem científica como uma alternativa para vencer tal limitação, aqui então problematizaremos, será que realmente faltam sinais?

## 1. A Experiência na EPUFABC

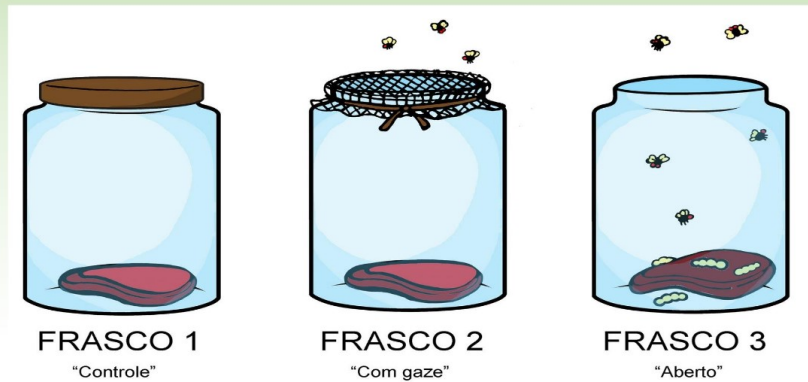
As interações na EPUFABC acontecem no modelo que chamamos inclusivo, porque alunos surdos e ouvintes ocupam a mesma sala de aula. Dentro das salas inclusivas, todas as atividades são intermediadas pelo Interprete Educacional de Libras, e devem nos fazer refletir sobre suas concepções de tradução e os desafios impostos pelas línguas, não apenas no sentido gramatical, mas no sentido mais amplo para a aquisição de conceitos. Segundo Santiago (2013), a construção dos sentidos é mediada pelas relações dialógicas construídas no espaço de sala de aula, mas:

É importante salientar que a interpretação educacional carrega consigo algumas peculiaridades, o intérprete que atua nesta esfera tem a responsabilidade de proporcionar ao estudante surdo a compreensão e apreensão dos conteúdos de forma permanente já que acompanha o estudante ao longo do curso e pode perceber por vezes as consequências de suas interpretações anteriores na construção de sentidos que são retomados nas aulas [...] Não obstante, o intérprete educacional tem a possibilidade, durante a interpretação, de obter pistas sobre a compreensão do conteúdo por parte do estudante, e isso se dá por meio da interação. (SANTIAGO, 2013, p.68),

O exemplo a seguir aconteceu em uma aula de Biologia, em que o conceito trabalhado pelo professor era “Biogênese”, no momento da interpretação não havia um “sinal” específico para o termo e o intérprete se valeu das estratégias utilizadas pelo professor que utilizou um exemplo com do experimento, de acordo com o slide abaixo

Slide utilizado pelo professor

## Francesco Redi (Biogênese)



Larvas surgiam na carne pois moscas pousavam e botavam ovos!



EPUFABC

Na interpretação do slide o conceito de biogênese acabou se misturando com o conceito do experimento. E no momento em que aconteceu a interação entre estudante surdo – intérprete de libras – professor, ficou evidente que para os estudantes a imagem acabou significando mais que a sinalização, como pontuou Santiago (2013) acima, a relação existente, deu condições para que o intérprete pudesse fazer essa verificação.

Diante disso, professor, intérprete de Libras e estudantes novamente conversaram para que o conceito fosse realmente incorporado pode-se então negociar através da Língua de Sinais com os surdos uma correspondência em que abarcasse não apenas o experimento, mas realmente o conceito o termo científico, e isso só foi possível por conta da língua compartilhada que permitiu aos estudantes o entendimento.

## Considerações

Essa experiência nos leva a refletir que não são necessárias correspondências entre sinal/palavra em português apenas, mas que haja entendimento, não faltam sinais na Libras.

A Língua de Sinais não é uma língua pobre ou menor, mas que ela se organiza e se manifesta de modo diferente da Língua Portuguesa, a sistematização que leva a consolidação de um sinal/termo deve acontecer dessa forma negociada, porque desta maneira privilegia o conceito no contexto educacional, o intérprete apropria-se do conceito para a intermediação e o aluno é participante e negocia/constrói com o professor com a mediação do intérprete o conceito.

Sabemos que uma língua comum compartilhada proporciona interação e reflexão entre os falantes e, dessa maneira, ampliação de linguagem e aquisição de conceitos e conhecimentos que possibilitam uma constituição de sujeito e relação de pertencimento a determinado grupo social.

O que deve ser entendido é que Língua de Sinais é a língua de estruturação de pensamento e organização da pessoa surda. Significa dizer com isso que a Língua de Sinais é a responsável por organizar as estruturas cognitivas dessas pessoas para que assim possam se constituir e participar das atividades sociais e ter mais autonomia sobre suas escolhas.

A aprendizagem dos conceitos científicos ou da segunda língua na escola baseiam-se num conjunto de significados da palavra, desenvolvidos previamente e originários das experiências cotidianas da criança. Este conhecimento espontaneamente adquirido medeia a aprendizagem do novo. Assim, os conceitos cotidianos estão “entre o sistema conceitual e o mundo dos objetos”...exatamente da mesma maneira que **a primeira língua de cada um medeia os pensamentos** e a segunda língua. Portanto, o desenvolvimento de conceitos científicos depende e se constrói a partir de um conjunto já existente de conceitos cotidianos. (PANOFSKY; JOHN-STEINER; BLACKWEL, 2002, p.245-246, grifo nosso)

Logo, não existe uma deficiência linguística, a falta de sinais científicos pode ser atribuída ao ingresso tardio nos estudantes surdos como participantes ativos no processo de ensino, principalmente nos níveis médio e superior e

deve-se problematizar que mesmo quando há uma correspondência para que os conceitos sejam assimilados pelos estudantes é preciso intermediação através de uma língua acessível e comum.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei nº 10.436** de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. 2002.

SANTIAGO, Vânia de Aquino. **A atuação de intérpretes de língua de sinais na pós-graduação lato sensu: estratégias adotadas no processo dialógico**. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, 2013.

PANOFSKY, Carolyn. P.; JOHN-STEINER, Vera; BLACKWELL, Peggy. J. O desenvolvimento do discurso e dos conceitos científicos. In: MOLL, Luis. C. **Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio histórica**. 2ª reimpressão. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.